Ano I — N.º 23 3—10—1920

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO R. SANTOS

Comp. na Tip. de «A COMUNA» — Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 3

Redactor principal: ANTÓNIO TEIXEIRA

Redacção e Adm., (Provisória): RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA: APARTADO 17

Administrador: DAMIÃO CASTELO

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: $50

UMA BELA TÁTICA

O nosso presado camarada Quesário, acaba de prestar ao operariado português um excelente serviço.

A descrição minuciosa, dos movimentos reivindicadores dos mineiros ingleses nos últimos anos, e dos métodos de luta adótados nêsses movimentos e no que ora se realiza, constitue para os trabalhadores portugueses uma lição formidável, da verdadeira moral social que devem cultivar e seguir, e também uma lição prática duma nova tática de combate, porventura mais em conformidade com o objectivo do sindicalismo revolucionário tal como é interpretado e preconisado pelos anarquistas comunistas.

Por mais duma vês A COMUNA tem debatido e combatido o espírito extremamente egoista que, desde Monsanto — para não remontar mais longe — até à data, tem caracterizado a luta de classes em Portugal.

Não é extemporâneo insistir.

A luta pura e simples pró-aumento de salários, tal como tem sido praticada entre nós, apenas tem produzido resultados negativos, efeitos contraproducentes e afirmado de maneira inequívoca, o desconhecimento, por parte das classes em luta, dos objectivos sindicais sob o ponto de vista económico e doutrinário, e virá, fatalmente, a não mudar-se de orientação, a aniquilar a própria fôrça que a origina, ou seja, a provocar a falência da própria organização sindicalista.

¿Que vantagens teem obtido os trabalhadores nestas lutas reivindicadoras, aparentemente vitoriosas, na sua maioria?

Em primeiro logar, as greves pró-aumento de salário, tam sòmente teem servido para engrandecer e robustecer os próprios adversários, o comercialismo e o industrialismo que, hábil e arteiramente se teem aproveitado do aumento irrisório de ordenados para sobrecarregar enormemente os preços dos produtos do seu negócio ou fabrico, estabelecendo ipso facto o chamado *círculo vicioso* do encarecimento da vida pelo aumento de salário e vice-versa, obtendo assim, cavilòsamente, um aumento fabuloso na percentagem dos lucros auferidos.

Em segundo logar, às mesmas greves se deve o agravamento da situação económica de numerosas classes que, umas pela sua própria natureza, outras, pelo seu atrazo, desorganização, imperparação, falta de cultura, etc., estão impossibilitadas de entrar em luta e são atingidas pela carestia, sempre crescente, do custo da vida que por sua vez vai tornar de efêmera duração a melhoria conquistada pela classe vitoriosa.

Finalmente, a elas se deve também, em grande parte, o desenvolvimento nas classes supostamente vitoriosas, do espírito egoista da *ganhuça* e o desejo ardente de posse, a par duma verdadeira loucura de gôzo, de prazer, de dissipação e de estúrdia, conseqüência lógica duma abundância repentina, embora momentânea, de dinheiro.

* * *

A tática seguida pelos mineiros ingleses, produz efeitos diametralmente opostos.

Partindo do princípio estabelecido de que o capital é o produto do trabalho não pago, e, tendo em atenção o critério sindical, e libertário mesmo, pelo qual os instrumentos de trabalho devem estar de posse dos trabalhadores, os mineiros ingleses reclamando simultâneamente aumento de salário e redução no preço do carvão, vibram no capital, representado pelo industrialismo mineiro, um golpe de morte, porquanto, provocando imediatamente uma dupla redução na percentagem de lucros, podem, em movimentos subsequentes, produzir o seu aniquilamento.

Um movimento grevista lançado com tal diretriz, conquista imediatamente não só a simpatia como o apoio moral e material de tôdas as classes produtoras e até de muitas outras que o não são, pois que, da vitória alcançada hão-de resultar evidentemente, benefícios materiais não só para a classe em luta, mas para todo o público em geral.

A recusa sistemática por parte dos mineiros, em aceitar qualquer participação nos lucros, inutiliza por completo tôdas as tentativas para uma solução reformista e arrefece quaisquer pretenções gananciosas ou veleidades de mando e de posse, que em muitos trabalhadores ainda possam existir.

Dum tal sistema de luta, energicamente defendido e posto em prática, deve resultar fatalmente, a conquista, pelos mineiros, dó produto integro do seu trabalho e o conseqüênte abandono, por parte dos seus actuais detentores — visto que já lhes não dão lucro algum — das minas e instrumentos de produção que entrarão alfim, na posse dos mineiros que então as explorarão em proveito próprio e da colectividade.

* * *

Se confrontar-mos a orientação dos mineiros ingleses, com a orientação seguida pelas classes trabalhadoras em Portugal nas suas lutas reivindicadoras, em absoluto despidas de tôda a ideologia e de quaisquer intuitos expropriadores, antes, inspirados sòmente, num objectivo ganancioso, para a conquista do qual algumas dessas classes teem vergonhosamente insinuado ao patronato o aumento do custo dos seus produtos ou serviços, teremos de reconhecer que se tem seguido caminho errado e que urge, quanto antes, mudar de rumo, adótando processos de combate que, conquistando benefícios reais e imediátos, não para uma classe só, mas para tôdas as classes em geral, estejam também e principalmente, em harmonia com o critério sindicalista revolucionário e as aspirações ideológicas da época.

DIOGO COSTA.

UMA ENTREVISTA COM ERRICO MALATESTA

Em El Libertário, *da Argentina, encontrámos esta excelente entrevista, que não resistimos à tentação de traduzir para as colunas de* A COMUNA. *Conquanto ela já tenha uns meses, os conceitos do nosso velho camarada Errico Malatesta são duma flagrante actualidade. Do princípio ao fim, a entrevista é cheia de ensinamentos, especialmente para aquêles que, não conhecendo as ideas, nos aparecem pela prôa a baralhar e a confundir tudo, no intuito está bem de ver, de terem carradas de razão naquilo que dizem.*

Uma idea de emancipação social já o temos dito várias vezes, só se pode radicar no espírito dos indivíduos após um aturado estudo e uma madura reflexão. Os que não procederem assim, colocam-se na contingência do tolo no meio da ponte: não sabem a que freguesia pertencem. Tal é o que se dá, presentemente, com alguns anarquistas, ou, mais exacto — com alguns pseudo-anarquistas, que nos falam da necessidade duma ditadura proletária, embora transitória, como a coisa mais natural dêste mundo.

Ora a ditadura não pode ser defendida, nem aceita, por aquêles que enfileiram ao lado dos grandes pensadores, como Malatesta. A anarquia, sendo a ausência de govêrno, não se coaduna com ditaduras nem com ditadores. Anarquia e Ditadura são termos antitéticos — repelem-se. Entre êles não há nenhum ponto de atracção. A Ditadura, é a opressão; a Anarquia é a liberdade. E a tendência dos povos, é a de viverem livres. ¿Que vem a ser, pois, essa coisa dalguns anarquistas *se dizerem partidários da* ditadura proletária?

A nós quere-nos parecer, que êsses indivíduos tam ávidos do Podêr não passam de jacobinos tresmalhados nas nossas fileiras. E se assim não é, ¿porque motivo é que êles querem conquistar a liberdade por meio da tirania?

Enfim: leiam a entrevista de Malatesta. Ela fala como um livro aberto. E, depois, Malatesta, não é nenhum «ilustre desconhecido» é um homem que, através da sua vida exemplar, sempre defendeu, a despeito das mais ignominiosas perseguições, o Comunismo Libertário, a Anarquia. Ninguêm, portanto, lhe pode negar autoridade no assunto. — N da R.

Quando Malatesta entrou na redacção da *Umanitá Nova*, a primeira pregunta que lhe faço é esta:

— ¿Que pensas da capacidade revolucionária dos trabalhadores de Itália?

— O proletariado italiano — responde Malatesta — encontra-se bem preparado para a revolução. Tem apenas de vencer uma dificuldade: a acção obstrucionista dos elementos socialistas. Essa obstrução, porêm, não póde durar muito tempo — o desengano surge depressa, especialmente no estado evolutivo em que nos encontramos.

Para te demonstrar a situação revolucionária do país, vou citar-te um facto que a ninguêm passou desapercebido. Em realidade, o govêrno já não governa. A prova é que, por ocasião da revolta de Viarreggio, os ferroviários recuzaram se a transportar a guarda rial e a tropa de linha. Então, o govêrno ordenou o seu transporte por mar; mas, ao chegarem as tropas ao porto de Génova, a tripulação do vapor que as havia de conduzir ao seu destino, desembarcou, não sendo possível demovê-la do seu intento.

— Belo gesto! — acudi eu... ¿Supões que, quando estalar a revolução na Itália, ela se circunscreva ao território nacional?

— Não. A revolução na Itália terá, provàvelmente, a virtude de provocar o estalido nos países da Europa central, o que nos colocará em contacto com a Rússia, aumentando assim, em proporções incalculáveis, as garantias de êxito do movimento.

— E' verdade: ¿que pensas do movimento rússo?

— Ao fazerem a revolução, eu penso que os operários e camponeses tentaram, com o regime dos Soviétes, um primeiro ensaio de organização libertária. Mas o facto da Rússia estar ameaçada duma invasão estrangeira, permitiu o estabelecimento da ditadura duns poucos de homens, apesár de se chamar, pomposamente, a *ditadura do proletariado*. Esta ditadura talvez tenha sido útil para a resistência contra o estrangeiro; o que é certo, é que, no interior, ela vai matando a revolução no sentido social. Eu queria enganar-me; mas suspeito que se não estalar a revolução nos países ocidentais, a revolução russa há-de terminar com o estabelecimento duma república burguesa e capitalista. Isso será, sem dúvida, um passo dado em frente, se compararmos êsse regime com o tzarismo; mas o que êle é, infinitamente inferior ao que a revolução poderia ter dado, se não fosse estrangulada pela ditadura.

— Diz-me: ¿o que pensas da ditadura proletária?

— O que penso da ditadura proletária já to disse há dias, — é o mesmo que tenho dito, repetidamente, em todos os meus escritos... A anarquia significa ausência de govêrno. A anarquia, é, por conseguinte a negação da ditadura, visto que a ditadura é o Govêrno absoluto. Geralmente, entre os trabalhadores entende-se por ditadura a acção violenta revolucionária, graças à qual o proletariado tomará posse da terra e dos instrumentos de trabalho para organizar a produção em comum, no seio da nova sociedade.

Mas não o entendem assim os socialistas, partidários da ditadura — é que ainda que se chamem bolxevistas, são os mesmos marxistas de sempre. Esses socialistas pretendem constituir um Govêrno forte, centralista, despótico. E é a êste Govêrno que denominam de ditadura do proletariado, exactamente como os democratas chamam ao seu Govêrno, Govêrno do povo! Em última análise trata-se sempre da ditadura ou dum Govêrno de partido com penalidades e com fôrça armada, que tanto pode servir para defender a revolução dos manejos reaccionários, como para ser utilizada contra os inimigos externos. Uma vez, porêm, vencidos êstes inimigos, a mesma fôrça ha-de servir para se impôr às massas, para deter o desenvolvimento da própria revolução, e para criar, consolidar e defender novos privilégios.

— ¿Não sei se sabes que os socialistas falam da ditadura como duma coisa fugaz, momentânea, transitória?

— Sei. Mas as intenções mais sãs esbarram-se de encontro à logica dos factos. A formação dum Govêrno traz consigo as conseqüências funestas que tantas vezes temos apontado.

Os socialistas sinceros que, constituido o novo Podêr ditatorial, não quisessem ir até onde o facto consumado os conduziria, haviam de ser as primeiras vítimas do seu sistema. A ditadura provisória de Robespierre conduziu o à guilhotina e preparou, ao mesmo tempo o advento de Napoleão.

— ¿Entendes que uma revolução no Ocidente, dada a propaganda que se tem feito e as lutas que teem surgido, poderia limitar-se a um princípio de realização marxista?

— Acredito que a revolução social no Ocidente não se deterá na sua marcha, antes, pelo contrário, procurará destruir para sempre, o sistema individualista burguês. Terá, enfim, um carácter libertário. A concepção marxista, que conduz os povos ao comunismo autoritário, não pode realizar-se. Em primeiro logar, porque é impossível que, por meio de leis e decretos, possa um Govêrno resolver todos os problemas da vida prática, problemas que interessam directamente o povo; e em segundo logar, porque êsse procedimento feriria de tal maneira o sentimento de liberdade, que a revolta contra semelhante sistema havia de manifestar-se logo com estrondo.

— Nem todos vêem as coisas assim. Deves ter notado que, alguns anarquistas, pensam que é fatal, como modalidade transitória, o comunismo que defendem os marxistas e os engelianos.

— Sei isso. Mas não posso convencer-me que um movimento revolucionário se circunscreva a tão mesquinha realização. Entre outras razões, baseio o meu pensamento no grau de desenvolvimento que alcançou o nosso proletariado em espírito de liberdade, de independência, de crítica, de indisciplina, liberdade, independência, crítica e indisciplina que invade tudo, e em que os anarquistas — pelo menos aqui, em Itália — constituem uma fôrça com a qual é preciso contar.

Sôbre os outros países não posso fazer afirmações concretas, porque me faltam elementos de informação para formular juízos, embora aproximados.

— E se, contra, tôda a espectativa, os socialistas conseguem estabelecer o novo Poder em harmonia com as suas teorias, ¿que atitude te parece que devam tomar os anarquistas?

— A de franca, aberta, irredutível oposição contra aquele, como contra todos os Poderes. Repito, no entanto, que não acredito que a revolução nos dê uma pseudo ditadura proletária.

— Em todo o caso, parece que, actualmente, a influência dos socialistas entre os trabalhadores se vai acentuando mais ou menos em certos países. ¿Não acreditas que, mesmo na Itália, a presença de 160 deputados socialistas no Parlamento, que prodigalizam soporíferos às mãos cheias, seja susceptível de amortecer o espírito revolucionário do proletariado?

— Certamente que a maior fôrça contra-revolucionária é constituida agora por êsses 160 deputados socialistas, os quais, procuram impedir, por tôdas as formas, a consecussão de qualquer acto transcendente que possa comprometer a sua posição social.

Observado, porêm, o estado de alma dos trabalhadores, e dadas as condições gerais do país, póde afirmar-se que as dormideiras parlamentares não conseguirão, por muito empenho que nisso ponham, obstar o estampido da revolução que todos vêem iminente e que todos desejam com anciedade: uns por medo; outros, porque depositam nela grandes esperanças...

— ¿Supões que a horrenda carniçaria, engendrada pelo capitalismo e pelo Estado, teve a virtude de acelerar a transformação social no sentido que os anarquistas teem preconizado?

— Suponho. E estou firmemente convencido que, contra as intenções dos Govêrnos e da burguesia, a última guerra criou uma atmosfera francamente revolucionária, acelerando bastante a transformação social propugnada por nós. Mas isto não póde ser, nem remotamente, uma justificação para aqueles que fôram partidários ou defensores da guerra.

A guerra, como qualquer outra barbaridade governamental, póde dar origem, fornecer mesmo uma excelente ocasião para os elementos subversivos lutarem ardentemente contra ela.

Na Itália e na Espanha, cuja maioria dos militantes operá-

Fala o trabalhador

(RECITATIVO)

Sou eu: Não é ninguém! A fôrça viva em que não se repara! O homem que cultiva, que navega, que fabrica, que estrái o minério, e que edifica os palácios soberbos... Não é ninguém! Sou eu:

A escória, a canalha, o plebeu, o engeitado da sociedade actual, que não tem prato no banquete da vida, nem felicidade, nem direitos, nem garantias:...

De manhã, ainda as espertas cotovias dormem no aveludado fôfo dos ninhos, já eu vou a arrastar, pelos caminhos, o meu grilhão de escravo. E, meio morto, só me recolho à choça sem conforto, triste e extenuado, quando o luar, branco de prata, banha de luz os campos que eu cavei!

Não sou ninguém, bem sei.... Dizem que me instrua, que vá à escola, que busque a instrução... ¿Como? se todo o dia emprego a trabalhar, para comprar, á, noite, um quilo de pão!

Esses campos de trigo, extensos, sem ter fim, que galgam pelas colinas e assaltam quase o céu, fôram todos semeados e colhidos por mim: Dei-lhe o meu suor, porêm... nenhum é meu! Edifico palácios, mas eu nunca os habito. Produzo nos teares, sem que vestidos tenha. Arrazo as florestas, mas não é minha a lenha. Posso morrer de frio, que só são meus: o vento, ás estrélas a tremer no firmamento, as nuvens a correr no infinito, e a luz que vem do céu!

Não é ninguém, sou eu!

Dizem que vem ao longe! muito longe ainda, o clarão duma aurora a raiar, muito linda!...

Dizem que depois, todos trabalharão.

Todos irmãos no trabalho. Todos com direito ao pão!

Os homens, num abraço sincero, universal! A felicidade humana erguida ao apogeu!

Quem poderá fazer essa obra colossal?... Não é ninguém? «Sou eu!...»

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de $25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

São convidados todos os associados a reunir hoje, às 10 horas da manhã, para aprovação das contas do 3.º trimestre e tratar de assuntos de propaganda libertária.

Sindicato Unico Metalúrgico

Realiza-se hoje, na séde deste Sindicato, rua de Caruões, 364, a sessão solene de inauguração, para o que foi organizado um esplendido programa literário e de propaganda, estando convidados vários militantes do movimento operário e social a colaborarem com a sua palavra. Nesta sessão, tambêm será inaugurada a bandeira sindical, bem como a Bibioteca.

A sessão realiza-se ás 16 horas e nela tomará parte um distinto grupo musical.

CONVITE

Convida-se o camarada que veio na passada sexta-feira a esta administração pagar a quantia de 1$25, a fineza de nos enviar ou trazer um postal que por engano lhe foi entregue.

A ADMINISTRAÇÃO.

rios se manifestou nesse sentido, os benéficos efeitos, sob o ponto de vista revolucionário, fôram enormes. Em França, na Inglaterra e noutros países, onde os ditos elementos se fizeram partidários da guerra, colocando-se ao serviço da burguesia e participando hibridamente da *União Sagrada*, as possibilidades revolucionárias são, hoje, muitissimo menores do que em 1914. E só a constatação dêste facto, faz ressaltar qual era a melhor das duas atitudes...

* * *

Desejava fazer-lhe outras preguntas. Mas, como durante a nossa conversação fossem chegando, um a um, dez ou doze camaradas para falar com êle, não quis tomar-lhe mais tempo, e retirei-me.

Soube depois que vinham convidá-lo para tomar parte em comícios e conferências. Os trabalhadores italianos, seja qual fôr a sua fé política, amam-no entranhadamente. Disputam-no, até. Poderia dizer-se: matam-no por carinho.

E êle, Malatesta, o gigante do esfôrço; o homem de Campedusa, de Nápoles, de Benavento; êste homem exemplar, cuja vida é cheia de abnegações e de heroismos; êste homem que tem tomado parte em tôdas as revoltas que durante meio século teem convulsionado a Europa; êste homem que tem sido perseguido, com ferocidade selvagem, em todos os países, que tem passado por tôdas as prisões do velho e novo Mundo; êste homem, que tem uma história cheia de episódios que parecem novelas; que tem *comandado* grupos armados; que tem jogado, em mil ocasiões, a própria vida; que tem fugido das ilhas e dos presídios; que conhece as maiores infâmias do capitalismo e dos govêrnos; êste homem, quando se trata do ideal a que consagra tôda a sua existência e pelo qual renunciou a todos os privilégios de familia, não pode, não sabe, não quere — três motivos consubstanciados num — dizer a ninguêm que não, regatear o seu concurso...

Conserva-se forte, alegre e cheio de vida como quando tinha vinte e cinco anos. E tem sessenta e sete! Mas ninguêm dirá que tem essa idade.

Fala e escreve constantemente. A sua actividade é inexgotável.

A semana finda realizou cinco conferências, num mesmo dia, com temas variados e sem se cançar.

E' um caso assombroso de vontade, e de resistência física e moral.

E quando os camaradas que o adoram, mais do que a um irmão, que dariam a própria vida por êle, lhe pedem carinhosamente que não trabalhe tanto, porque se prejudica, êle responde-lhes:

— Isto, pelo contrário, faz-me bem. Quando tivermos feito a revolução, hei-de ver se posso descançar um pouco. Mas enquanto a estivermos a preparar, não posso sossegar, ainda que quisesse...

Milão — junho de 1920.

EUSEBIO C. CARBÓ.

PARA A HISTORIA

O BANDITISMO MODERNO

(CONTINUAÇÃO)

A ofensiva do aço, tão activamente conduzida em França, o desenvolvimento sustentado dos estabelecimentos siderúrgicos franceses, na própria hora em que o mercado, superabundantemente abastecido, se recusava à absorpção duma tonelagem superior, a expansão francesa nas minas belgas, todo êste conjunto de factos correlativos, não se determinava pelos caprichos do acaso. Obedecia a um plano assente, preconcebido, premeditado, que previa a guerra a breve praso.

Só a guerra podia vencer o «dumping».

Só a guerra podia aniquilar a fôrça germánica, inteiramente representada na sua siderurgia.

Só a guerra podia salvar da catástrofe a siderurgia e o império britânico.

Só a guerra podia tirar a siderurgia francesa do «bêco sem saída» de que fala M. F. Honoré, do *Comité des Forges* «o famoso bêco sem saida de que ela devia saír, sob pena duma irremediável decadência»!

Podemos crêr que nenhum elemento se despresou, e que o plano de guerra superiormente concebido foi superiormente executado.

O capitalismo nunca recuou perante cadáveres.

Sôbre montanhas de mortos, em mares de sangue, ha-de surgir a maior França, a mais bela França, a França do *Comite des Forges!*

O objectivo

Estabeleçámos, duma vez para sempre, as características da siderurgia de guerra.

Em França, a siderurgia dispõe dum excesso considerável de minério e sofre duma insuficiência notável de hulha.

	Toneladas
Producção de carvão em 1913 . . .	41.000.000
Consumo	63.000.000
Déficit. . .	22.000.000

	Toneladas
Produção de minério em 1913. . .	21.714.000
Consumo	13.400.000
Excedente . . .	8.314.000

Na Alemanha a siderurgia é superabundantemente abastecida de carvão, mas o minério falta em notáveis proporções:

	Toneladas
Produção de hulha em 1912. . . .	279.000 000
Consumo aproximado.	234.000,000
Produção de minério em 1913 . . .	27.200.000
Consumo	42.000.000
Déficit. . .	14.800:000

Na Inglaterra, a situação siderurgica é caracterizada por uma pletora de carvão e uma penúria incurável de minério.

	Toneladas
Produção de carvão em 1913 . .	286.000.000
Consumo.	189.000.000
Produção de minerio em 1912 . . .	13.800.000
Consumo.	21.000.000
Déficit . . .	7.200.000

Eis a explicação *materialista* da guerra.

Não esqueçâmos que o problema vital da siderurgia francesa era o do *carvão*. Para a siderurgia alemã, a preocupação dominante residia no abastecimento de *minério*. Quanto à siderurgia britânica, não tendo recursos disponíveis, estava irremediavelmente condenada à morte.

Era preciso a guerra para a salvar.

A guerra veio. Sabemos como. Tambêm sabemos porquê.

Nunca uma guerra teve motivos materiais mais cínicos e mais canalhas. Estes motivos resaltam com uma luminosa evidência de todos os disfarces metafisicos, ideológicos, ou doutra categoria, com que os prestidigitadores da governação pretenderam vela-los.

Conhecemos os responsáveis e os beneficiados pelo crime sem nome que devia sepultar nos sulcos sangrentes doze milhões de homens e saquear vinte séculos de lenta construção.

¿Teremos ódio suficiente para os execrar? Adquiriremos, jámais, fôrça bastante para os castigar, a êles mesmos ou aos seus descendentes?

O objectivo, para os Britanicos, era o aniquilamento dêsse império bismarkiano, cujo advento êles tinham aplaudido impudentemente em 1871.

O objectivo, para os Alemães, era o triunfo definitivo dum imperiralismo novo, cheio de audácia que já pelos meios pacíficos, pretendia a hegemonia do mundo.

O objectivo, para os Franceses, era saír do beco mortal em que as remodelações geográficas do passado os tinham encerrado e tentar a reminescência dum napoleonismos em Napoleão, mas com uma Rèpública de militares e de *tubarões*.

Vimos como Ingleses e Franceses ligaram o seu destino. Não temos a considerar aqui as manobras diplomáticas cujo fim foi decidir dos acontecimentos e salvar «a santa face» perante os povos que iam patrioticamente ser imolados. Outros se encarregavam dessa tarefa e dela se desempanharam muito bem. Bastar-nos-há fixar os factos materiais, os únicos que não consentem senão uma interpertação.

Hipóteses retrospectivas

Convido o leitor a lançar, sôbre o passado, um olhar retrospectivo e a mergulhar-se nas trevas da guerra, iluminadas apenas pelos clarões da matança. O santo e a senha eram o silêncio e a mentira. Reinava a Censura e a Imprensa obedecia à ordem da mentira de «facto continuo», por... razões do Estado. O Estado, magnânimo e generoso, abria as torneiras... Não era fácil, então, fazer ouvir uma palavra de verdade. E só excepcionalmente, por puro acaso o observador atento podia surpreender aqui e acolá uma nota verídica que escapasse à vigilância d'Anastasia.

No começo de 1917, correram e expalharam-se boatos de paz. Não se lhes conhecia a origem.

Nunca se eles conheceram, com certeza. O barometro governamental indicou nesse momento um forte abaixamento do que se convencionou chamar «o moral do país.» Foi precisamente nesta época que o barão Enence-Copée, rei do Coke, uma das colunas da siderurgia franco-belga, actualmente aferolhado por «comércio com o inimigo» se fazia o agente de ligação dos siderurgistas, separados pelo fogo das trincheiras. Por isso e sempre o nosso *Comités des Forges* esteve alerta e mobilizou os seus plumitivos que multiplicavam os desmentidos e as confissões, renegando aqui, aprovando ali, de fórma a desmascararem a sua rial existência. Um deles, dos mais cotados, escrevia na *Ilustration* que o *Comité des Forges* aguardava a vitória, que devia conquistar-se *até ao fim*; porque só a vitória podia separar as iniquidades de 1871, de 1815, e resolver equitativamente o problêma do carvão. «*As soluções dantes da guerra*, escrevia tal personagem, *deixavam a desejar, havendo uma mais simples e ao mesmo tempo mais radical que deve dar-nos a vitória.*

Continúa.

RHILLON.

Da América

Com o pedido de inserção, recebemos o seguinte ofício do secretariado da I. W. W. Publicamo-lo na íntegra, lamentando apenas que ainda haja trabalhadores organizados que não saibam cumprir com os seus deveres, especialmente para com os seus irmãos de sofrimento que lutam tenazmente pela sua emancipação.

Chicago, Ill, Agosto-11-920.

Camaradas de A COMUNA.

No dia 11 de Agosto do ano que corre, a Comissão Executiva I. W. W. (Trabalhadores Industriais do Mundo) teve conhecimento, pela primeira vez, do acto de traição levado a cabo pela Secção n.º 8 dos Transportes Marítimos, com séde na Filadélfia. Esse acto foi tão repugnante e desumano, que a referida Comissão viu-se na necessidade de a expulsar do seio da colectividade que representa, e revogar, ao mesmo tempo, a carta-diploma que lhe tinha conferido.

Entendemos que os operários que pertencem à mencionada Secção, cometeram um monstruoso crime contra a Classe Trabalhadora. Assim, traindo o movimento internacional do trabalho, prontificaram-se a carregar invólucros de ponta aguda consignados ao general Wrangel, para êste assassino inundar a Rússia num mar de sangue!

Tal procedimento é diametralmente oposto aos bons princípios da classe trabalhadora, pelos quais a I. W. W. tem lutado e mantido desde a sua fundação.

A I. W. W. observa os acontecimentos e a acção do govêrno dos Sovietes com bastante interêsse e intensa admiração. Os trabalhadores que carregam munições de guerra à ordem dos govêrnos capitalistas, ajudando, assim, a sufocar tanto a revolução russa como qualquer outra revolução libertadora, são culpados do crime de alta traição aos princípios que as mesmas revoluções encarnam.

A I. W. W. conserva inalterável a sua solidariedade para com todos os revoltados: o seu papel não póde ser outro. E' que a organização prefere «encarar a morte», desaparecer até, do que viver para a desgraça dos explorados da Terra, permitindo que os seus membros rendam homenagem e vassalagem ao Capitalismo, para ficarem eternamente no meio da escravidão.

A I. W. W. tem expulsado da sua organização todos os membros que não teem sido fieis aos princípios fundamentais da Revolução mundial; e continuará a expulsar todos aqueles que coadjuvarem os exploradores no seu papel infame de derrubar o govêrno dos Soviletes e massacrar o povo russo.

Nós encaramos o dia feliz em que o proletariado da Polónia ha-de correr com os entrujões imperialistas que actualmente dominam a nação. E os individuos que transportam munições para alimentar a sangúeira que aflige o povo polaco, procedem em contrário das nossas aspirações.

A I. W. W. tem provado com documentos que está disposta a concorrer, moral e materialmente, para o triunfo da Causa da Internacional dos Trabalhadores. E apesár de tudo, ha-de manter íntegros êstes princípios, que são a base da sua existência.

E' por isso que vimos com desgosto a acção dos trabalhadores maritimos da Filadélfia carregando explosivos para os navios, explosivos que fôram alimentar a carnificina na Europa oriental.

E como a I. W. W. deseja mostrar-se tal qual é — uma associação revolucionária — não podia proceder de forma diferente daquela que procedeu, expulsando do seu seio quem não soube cumprir com os seus deveres de assalariados.

E a propósito — chamamos a atenção de todos os membros da I. W. W., para que façam tudo quanto em suas fôrças caiba, para que não se repitam factos semelhantes. A nossa missão é a de derrubar o capitalismo e não a de fortacê-lo. E os marítimos traidores da Filadélfia, esquecendo-se lamentávelmente de que eram operários, explorados em todo o caso, fôram auxiliar os seus inimigos, em vez de se solidarizar com os seus amigos. Não podiam, portanto, estar mais tempo ao nosso lado.

Dadas estas explicações a quem de direito.

A I. W. W. estende as suas mãos fraternais ao movimento revolucionário de todo o mundo.

A C. E. G. da I. W. W.:

Thom Whitchead
August Wahwinst
Patrick Mc Clellan
P. F. Mashlykm
George Spud.

Sindicato Unico Metalúrgico

A Comissão Administrativa previne todos os sindicatos que d'hoje em diante a cóta passa para 10 centavos por semana.

LEIAM

A minha defesa

POR

JORGE ETIEVANT

Preço, 50 reis

A' venda na redacção de A COMUNA

COMPRAI

A COMUNA

NO PORTO

Vende-se em todos os Quiosques e Tabacarias.

CARNET DUM REPÓRTER

O Comité nacional dos Metalurgicos franceses reuniu-se, em Paris, nos dias 5 e 6 do corrente, para se pronunciar sôbre diversos assuntos, entre os quais figurava a momentosa questão da participação dos operários nos lucros das empresas industriais.

Depois de suficientemente debatida a proposta, todos os delegados a regeitaram, aprovando, por unanimidade, o seguinte documento:

«O Comité nacional dos Metalúrgicos afirma a sua hostilidade à proposta da participação dos operários nos lucros, baseando-se, para isso, nestas considerações:

«1.º—Porque o espírito que anima os indivíduos que desejam a participação dos lucros, é o de consolidar o seu podêr para prolongar indefinidamente os seus privilégios;

«2.º—Porque a participação dos lucros não passa duma ilusão, visto que não concede à colectividade produtora os meios de gestão e investigação susceptíveis de melhorar o regime de produção, suprimindo a fráude, os empregos onerosos e inúteis, para pôr à disposição do consumidor produtos mais abundantes e mais baratos.

«3.º—Tal como é concebida, a participação dos lucros baseia-se no egoismo profissional, o que não dá nenhumas garantias nem acautela os interêsses da população.

«O Comité nacional aceita os pontos de vista da Confederação, o opõe ao sistema patronal, a *parte que corresponde ao trabalho*, que respeita a independência das suas entidades, e não implica, pelo seu funcionamento, nem direito de gestão, nem direito de controle, nem compromissos para o operariado.»

Agora que, em Portugal, se começa a falar de socialização de indústrias — mais exacto, participação de lucros — seria excelente que os operários portugueses meditassem um pouco sôbre o documento que aí fica.

O dever do proletariado, segundos os considerando do Comité nacional dos Metalúrgicos franceses, é o de não se comprometer com os industriais na manufactura dos produtos, para haverem às mãos uns cobres, no fim do ano, a título de participação nos lucros.

E' sabido que os industriais, na mira da ganhuça, desejam uma produção que lhes dê abundantes lucros, pouco se importando com as necessidades do consumidor. Os proletários não devem, pois, ser coniventes neste jôgo infamíssimo dos que teem entre as suas mãos o monopólio da produção, antes devem pôr a descoberto as manigâncias dos exploradores.

Que os operários reclamem, exijam, aquilo que lhes pertence, é lógico, é humano. Mas isso não quere dizer que êles se metam de casa e pucarinho com os patrões, colaborando na obra ignominiosa que os enriquece. A colaboração de classes, tão ambicionada pelos conservadores e reformistas de todos os matizes, é um grande mal, que os revolucionários sociais teem demonstrado, com abundantíssima cópia de argumentos. E a participação dos operários nos lucros industriais não tem outro fim senão o de perpetuar a colaboração de classes, e, portanto, manter o actual estado de desigualdade político-económica.

Se o operariado não vir isto com os olhos de vêr, a causa da Revolução ficará sèriamente comprometida. E, a nosso vêr, foi o que o Comité nacional dos Metalúrgicos franceses quis salvaguardar com o documento que aprovou. Leiam-no, pois, e meditem-no os operários portugueses.

Aquela calúnia, espalhada em todo o mundo pela burguesia, pelos govêrnos e pelos capitalistas, referentemente a um tratado secreto russo-alemão, já serviu a um *finório* para apanhar umas dezenas de mil francos. O caso passou-se do seguinte modo:

«O agente diplomático da Hungria, em Paris, o sr. Prasnovski, foi abordado por uma misteriosa personagem que lhe ofereceu o texto verdadeiro do tratado secreto russo-alemão, tratado êsse com que êle, embaixador, podia demonstrar ao mundo culto e civilizado, que existe uma autêntica aliança comercial e militar entre a Rússia e a Alemanha.

«O sr. Prasnovski deu logo, pelo *precioso* documento, 50 mil francos. Afinal, a papelada não era mais do que fráude bem preparada para arranjar dinheiro; e a prova, é que o govêrno francês recuzou-se a dá-lo à publicidade, o mesmo govêrno que combate, com unhas e dentes, a Rússia dos Sovietes!»

Vá — não são só os lôrpas, que nem sequer sabem soletrar, que são vítimas dos burlistas. Até os diplomatas caem.

Bem se diz — todo o burro come palha; a questão é saber dar-lh'a.

Na conferência laborista de Londres, que se realizou há quatro semanas, o deputado socialista J. H. Tomás fez esta importante declaracão, que muito ha-de envergonhar os seus correligionários que não querem que se toque no parlamento... nem com uma flôr.

«Até hoje combati, sempre, a acção directa, porque julgava que podíamos obter os mesmos resultados por meio da acção parlamentar. Mas agora declaro aos que partilham das minhas idêas, que me vejo obrigado a afirmar, que é absolutamente impossível impedir, no presente, a guerra — qualquer guerra — dentro dos parlamentos. Estas instituições não pódem fazer aquilo que os operários fazem ilegalmente. Só a acção directa dos que trabalham é que póde impedir as guerras.»

Com franqueza, os anarquistas nunca afirmaram outra. Já nos tempos longínquos de Bacunine se defendiam essas idêas. E os resultados que se previam então fôram os mesmos que se previram antes do 4 de Agosto de 1914, e são ainda os mesmos que se pódem prever actualmente. A acção directa contra a guerra é eficaz. ¡Se ha-de ser por meio dela que se ha-de fazer a Revolução Social!

Resta-nos agora ver se o referido deputado enfileira ao lado dos anarquistas, mandando à tabúa a política e o parlamento.

Que é o caminho que tem a seguir...

Algumas resoluções do recente congresso extraordinário dos ferroviários franceses:

«A transformação da sociedade capitalista, levada a efeito pelos trabalhadores, deve fazer-se segundo as modalidades do próprio trabalho; e a nova ordem de coisas não deve basear-se nos princípios da autoridade, de domínio, de soberania, mas sim nos princípios de troca, de reciprocidade, de auxilio mútuo.»

Sôbre a paz dos povos:

«O Congresso extraordinário dos ferroviários franceses envia as suas fraternais saudações aos trabalhadores russos, que são, actualmente, objecto das perseguições do capitalismo internacional, testemunhando-lhe a sua simpatia e a sua solidariedade.

«O Congresso, seguro de exprimir a vontade dos seus representados, reclama, enérgicamente, a conclusão duma paz entre a Rússia e a Polónia, paz que salvaguarde a independência dos dois povos, deixando-os entregues à livre disposição dos seus destinos.

«O Congresso extraordinário, pede a todos os sindicatos ferroviários para que juntem os seus esforços os esforços dos trabalhadores franceses, afim de não permitirem o prolongamento da guerra europeia, a qual não beneficia senão o imperialismo capitalista internacional.

«Constatando com viva satisfação a atitude enérgica da classe operária inglesa e a dos trabalhadores italianos, o Congresso espera que os ferroviários franceses sigam com simpatia o impulso dos trabalhadores a caminho da emancipação do trabalho.

«E sempre em conformidade com as decisões da I. S., o Congresso convida-os a opôr-se a tôda a tèntativa de guerra futura entre os povos, guerra essa suscitada pelos govêrnos para retardarem o dia da emancipação dos que trabalham.»

«O Congresso dos ferroviários faz suas estas palavras: «O Sindicato chama ao seu seio os trabalhadores, porque são produtores; é na utilização da sua fôrça produtora que reside a potência da organização operária. Mais que qualquer outra fôrça social presente, o Sindicato traduz êste facto essencial que é a conseqüência fatal da actividade colectiva moderna — o recúo da Política em presença da Economia.»

Esta resolução foi tomada em virtude dos políticos socialistas pretenderem arrastar a organização dos ferroviários para o seu campo. Delegados houve no Congresso que suaram as estopinhas para demonstrar aos seus colegas que deviam subordinar a acção económica do Sindicato à acção política do partido socialista. A resolução do Congresso, aprovada por uma maioria esmagadora, havia de lhes fazer passar um mau quarto de hora. Oh! se havia...

Algures, 27 | IX | 920.

P. GUIMARÃES

Lede e comprai

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil — Calçada do Combro, 58.

Tabacaria Barbosa — Rua do Carmo, 67.

Rosa & C.ta — Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo — Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran — Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Ideal — Rua do Correeiros, 211.

Tabacaria Pires — Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes — Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva — Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga — Rua do Rato.

A Moldura do Castelo — Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto — Rua da Bica do Sapato, 16.

Quiosque de Alcântara — Júlio Joaquim Pimenta.

Sindicáto Unico Mobiliário, continuo — T. da Agua da Flôr, 16-1.º.

Mercado Literário — José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Tabacaria Pereira — Rua do Livramento, 56.

SETUBAL

Barbearia Quaresma — Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves — Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

NOTAS DUM PERDIDO

A luz vem da Itália

Malatesta teve há pouco uma polémica com Maxim, um dos mais audazes defensores de Lénine. Dizia Maxim: 1) que o «interêsse geral» é supremo, e que contêm, «pelo menos o germen de todo o princípio de autoridade»; 2) que, nos próximos anos, a Revolução necessitará ser defendida plas armas, e que isto implica uma divisão de trabalho, uns actuando como soldados e outros como produtores. Quanto ao primeiro argumento, Malatesta responde que «êste pretendido interêsse geral tem sido sempre a mentira usada para justificar a tirania». Quanto ao segundo, diz êle, «Uns trabalham, outros defendem. E' assim que êles teem sempre explicado e justificado o exército, a polícia, a magistratura; e tôdas as instituições opressivas e parasitas. Uns empunham a enxada, outros a espada, e naturalmente o homem da espada submete e explora o homem da enxada. Acantelemos-nos dum Comunismo como êste».

E os operários italianos parece que já estão acantelados, confiando ao Sindicato o problema da produção e da permuta em vez de, como na Rússia, confiarem à chefia marxista à resolução do problema social. E nós, como faremos? Já pensaram nisto os produtores?

Se queres a paz

Os alemães, por imposição dos aliados, destruiram já 39500 canhões, na média de 1000 por semana, além de 1.400.000 espingardas, seis mil metralhadoras e milhão e meio de granadas, etc.

No entanto, as tropas francesas, que se bateram pela pretensa liberdade dos povos, estão ocupando a Alta Silésia, bem contra vontade das respectivas populações, e o govêrno francês para lá lhes enviava um milhão de balas para espingarda, só êle e os seus denses sabendo com que *nobres* fins, pois que o imperialismo, e a hegemonia condenável nos outros a teem êles como tolerável quando por êles exercida.

Sucedeu, porêm, que, ao passar o comboio em Erfurt, na Saxónia reuana, no dia 4, os ferroviários se resolveram a descarregar ali essas munições e ali mesmo faze-las explodir, antes que fossem caír nas mãos dos bemfeitores caserneiros.

Vê-se que *si vis pacem*, quem quizer a paz, prepara-se para ela, evitando a guerra.

As colheitas

Por estatísticas coligidas pelo Instituto Internacional de Agricultura, de Roma, sabe-se que as colheitas do trigo, êste ano, no Canadá, Estados Unidos, Espanha, Itália e Suíça, são 97 por cento da média dos últimos cinco anos, ou sejam cêrca de 490 milhões de hectolitros. A Hungria, por seu lado, produziu 12 milhões e meio de hectolitros e a Bélgica 3 milhões e um quarto, ou sejam 91 por cento da última produção.

Além disto, o Canadá, Esta-Unidos, Espanha, Itália e Suiça, produziram 432 milhões e meio de hectolitros de centeio, ou sejam 99 por cento da última ou 131 por cento de uma colheita média.

A produção da cevada, nêstes mesmos cinco países, calcula-se ser de 124 milhões de hectolitros, ou sejam 113 por cento do ano passado e 98 por cento de uma produção média.

A produção provável da aveia será de 566 milhões e um quarto de hectolitros, ou 115 por cento do ano passado e 104 por cento de uma produção média.

A mesma estatística diz-nos que uma das maiores colheitas dêste ano, na Suíça, Canadá e Estados Unidos, será de batatas, calculada em 15 milhões de toneladas, ou 184 por cento de uma produção média.

Nada nos diz, a estatística, das enormes colheitas na Rússia, por ser bolxevista. De Portugal, também nada diz, mas por nada ter a dizer, pois que, apesar, de citado como país agrícola, o *deficit* sorialífero aumenta sempre, custando o pão o salário de um dia de trabalho; isto porque o que em Portugal mais se produz e medra, há já tempo, são os políticos e corrélativos escudeiros, e dêstes rebentos não me consta que se extraia farinha.

... A não ser que a fome continue aumentando e o povo se resolva a aproveita-los para estercar e adubar as terras. Então, sim, podia ser que os políticos servissem para alguma coisa e o povo tivesse o pão necessário e indispensável para poder viver.

Questão de nome

Um comité dos mineiros da United Mine Workers of América, havia reclamado um aumento de 27 por cento nos salários, sendo-lhes concedidos 17 por cento, pela Anthracite Wages Commissiones. Como era natural, não ficaram satisfeitos; e, no dia 2, 90 mil abandonaram o trabalho nas diversas minas para reclamarem os outros 10 por cento.

Há, porêm, lá, uma lei federal contra as greves, em que os burguesóides se escudam para fazerem vítimas e evitar os movimentos de reivindicações; mas como o nome não importa para o facto a realizar, e como êste é tudo, os mineiros votaram uma *vacation*, férias ou folga, como queiram traduzir, até conseguirem ver satisfeita a sua reclamação que alguns desejavam fazer subir para 31 por cento.

E lá está a justiça embaraçada para intervir na contenda, desde que os mineiros afirmam não ser greve o seu movimento, mas apenas não quererem trabalhar enquanto melhor lhes não paguem o seu esfôrço.

Da América vinham as excentricidades e os anúncios originais; e era razoável que de lá viesse êste exemplo para os salariados portugueses aproveitarem, quando tiverem que investir iradas fúrias do respectivo patronato. Façamos, pois, como os mineiros americanos: quando não convier a exploração desenfreada, horário excessivo de trabalho ou salário mesquinho, se não declarará mais a greve, mas folgar, não entrar nas oficinas, ter férias, não querer trabalhar senão em condições tais e tais.

Talvez se não assustem tanto, e as coisas se façam melhor...

A Irlanda

Em uma das nossas *Notas*, já demos um pequeno resumo histórico da questão irlandesa, mostrando que os ingleses, nem mesmo pela fôrça, jámais conseguirão subjugar e dominar aquele povo, que, há séculos anceia e luta pela sua independência. Resta-nos agora, sempre que a oportunidade se ofereça, citar factos e opiniões sôbre a questão e como a luta se vai desenvolvendo.

Assim, foi-nos há pouco dito, e para aqui reproduzimos, que: «Entre os anos de 1847 a 1851, mais de um milhão e meio de irlandeses, homens, e crianças, morreram de fome. Hoje, pequenas rapariguitas são trancafiadas por seis semanas, por venderem baudoiritas de vintem. Homens libertados sob a lei Cat and Mouse — liberdade condicional para os que usam a greve da fome — são ameaçados com revólveres. Prisões por se cantarem canções irlandesas e até por se comprimentarem ou saudarem em língua irlandesa. Reuniões de Sindicatos dissolvidas à baioneta e soldados tomando o lugar dos trabalhadores que exijam mais salário. Etc., etc.»

Os ferozes e dissimulados imperialistas, esquecem que «as liberdades fundamentais da Inglaterra foram alicerçadas na acção revolucionária; que a Magna Carta e a Lei dos Direitos foram ambos conseguidos pela acção revolucionária, como o foi na América a Declaração dos Direitos do Homem».

«A raiz de todos os males, cita um jornal, reside no facto de que os administradores britânicos, — como na India — se julgam governantes de uma raça de súbditos inferiores». Em Bradford, consentiram a um milionário que se alapardasse com 3:200 por cento, de lucro ao mesmo tempo que multavam um pobre retalhista em 3 centavos, por uma ninharia.

A civilização, a liberdade, a tutela dos ingleses! Vê-se, sente-se bem, que é igual à de todos os governantes, quando os se curvam e submetem a tôdas, as explicações e tropelias ou, quando, como agora, é igual a que os governantes empregam para submeter e subjugar quem os não quere manter ou tolerar.

GRAND-GOSSE.

"Comodistas..." como nós!

Agitadores profissionais, agentes habituais de desordem, são classificações que nos não podem ser aplicadas com verdade e justiça. Revolucionários somos, é certo, e sempre com inteiro desassombro o afirmamos. Mas revolucionários exactamente porque ambicionamos a verdadeira, a perdurável ordem que só póde existir numa organização social em que os interesses de todos livremente se equilibrem, a garantir uma harmonia inalterável.

Bolxevistas não o somos igualmente. A revolução russa é verdade que póde ser para nós um incentivo, mas nunca um modêlo. Habituados a falar sem rebuço e sem temor, com pena de tôdas as penas, nada obstaria a que confessássemos francamente as nossas tendências bolxevistas, se acaso elas caracterizassem os nossos ideais. Estamos aqui no exercício duma missão que é, essencialmente da propaganda. Para fazer a propaganda duma ideia é necessário expô-la inteiramente, profundamente. A sermos bolxevistas já desta doutrina teriamos feito o rasgada elogio, pondo em plano inferior a organização sindicalista. Ora a verdade é que, nas nossas referências à constituição política da Rússia apenas nos temos preocupado em restabelecer a verdade dos factos, a desmentir muita infâmia, muita calúnia de que a imprensa burguesa se faz eco. A respeito da revolução russa temos publicado muitos depoimentos, colhidos em fontes que nos merecem crédito, e muitos pareceres, de criaturas que reputamos honestas e dignas de aprêço. E não poderá dizer quem habitualmente nos lê que só a pareceres e depoimentos abertamente favoráveis tenhamos dado publicidade. Queremos nós também — quantas vezes o temos afirmado! — fazer a revolução emancipadora, derrubar a iniqüidade e a tirania, restabelecer a igualdade económica, abolir privilégios, libertar os espesinhados. Simplesmente, esta revolução, tal como a ambicionamos e visionamos, não se assemelha à revolução russa, nem nos fins, nem nos meios.

(*De «A Batalha» Porta-voz da organização operária portuguesa*).

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organisação operária portuguesa

Lêde e propagai

A COMUNA

... Semanário Comunista ...

CARTAS

A UM AMIGO DO ALGARVE

I

Tens razão. Há já bastante tempo que devia ter-te escrito. Porêm, os serviços de organização e o meu labutar cotidiano, só me permitem que, após 12 e mais horas de trabalho extenuante e mal remunerado, eu descance um pouco, na enxerga, o corpo dorido das fadigas diárias.

Mas não quero, apesar, disso, que esperes mais tempo por estas duas linhas de quem te merece alguma consideração.

Talvez não te preocupes em conhecer as belezas do Minho, empenhado, como pareces estar, em quereres saber as minhas opiniões sôbre a ditadura proletária.

No entanto sempre te direi que, por aqui a natureza foi muito pródiga, oferecendo sempre espectáculos deslumbrantes, à vista de quem a ama, em tôdas as suas manifestações. O nosso Algarve, tam belo e tam lindo como é, devo ter-lhe inveja; mas descança que não vou ferir-te no teu amor regional...

Vamos, pois, ao que te interessa. Já me conheces há muito tempo—a pregunta que me fazes não tem, portanto, muita razão de ser. Lembras-te, por certo, que, após a declaração da guerra que enlutou a Europa inteira, espalhando a fome, a orfandade e a viuvez no seio das famílias proletárias, alguns dos nossos camaradas — aliás muito poucos — começaram a fazer a mais rasgada propaganda intervencionista — que eu reputei de traição aos princípios libertários — clamando que «a guerra era de libertação dos povos oprimidos, que era a guerra da liberdade», fazendo assim côro com a burguesia exploradora.

Nêste ponto apraz-me dizer-te que a guerra, que a burguesia mercantilista e militarista desencadeou para a pseudo-libertação dos povos, é a mesma guerra com que a burguesia pretende, nêste momento, subjugar a ferro e fogo a revolta do povo irlandês a favor da sua independência.

A guerra da liberdade... Aponto-te, para não ir mais longe, as liberdades que os trabalhadores portugueses conseguiram: ao mais pequeno gesto de revolta que êles esbocem, ou vindo à praça pública dizer da sua justiça, as carabinas, caras e pagas com o produto do nosso trabalho, são imediatamente manejadas por *homens* tardados que, inconscientemente, abandonaram o campo e a oficina, para virem metralhar os seus irmãos de sofrimento e de miséria.

As cadeias estão pejadas de irmãos nossos. E, — oh! irrisão! — nos interrogatórios a que os submetem, usam dos processos mais vis que imaginar se póde. A fôrça de cavalo-marinho, obrigam-nos a confessar crimes que não cometeram, cumplicidades que nunca tiveram. A sociedade burguesa é isto—vive do roubo e no meio do roubo; tem a sua fôrça na ponta das baionetas; nasceu da mentira e só pela iniquidade se mantêm.

Já vês, meu caro, que me sinto satisfeito por ter mantido sempre a linha de conduta que os princípios libertários me aconselham. Eu não tinha que defender a guerra: — o anarquista é sempre antimilitarista. E tu sabes de quanto são capazes os govêrnos e as autoridades, uns e outras representantes directos da burguesia e do capitalismo.

Sabes ainda que a fome já estendeu as suas garras negras pelos lares proletários; e que a imprensa de balcão não se cança de dizer que a carestia da vida tem como principal factor as greves pró-aumento de salário e o conseguimento dêste. Não se lembra, essa imprensa venal que, se a indústria nacional estivesse desenvolvida como devia, desapareceriam as causas da carestia; que, se fossem cultivadas, como deviam ser, as terras improdutivas que por êsse país abundam, os géneros não faltariam no mercado e a concorrência não daria azo ao assambarcamento.

Mas esta sociedade má e egoista em que vivemos, e que se afunda miserávelmente num abismo de onde jámais ha-de sair, não quere vêr o remédio a aplicar, coga como está na ância do predomínio.

E com estas considerações, desviei-me do assunto, sôbre que me propuz escrever-te. Desculpa-me. São revoltas íntimas que, combinadrs e orientadas, hão-do produzir a fatal emancipação dos povos.

Como vês, esta já vai longa; e para não te massar, para a semana te direi o que penso da ditadura do proletariado, conforme o teu desejo.

Braga | 26 | IX | 920.

RAUL DUARTE.

CALEIDOSCÓPIO

Os penduricalhos

As «necessidades» de ostentação da grandeza dos velhos e novos ricos americanos, determinaram uma importação de diamantes — desde 1 de Junho de 1919 a Maio de 1920 — na importância de 100 milhões dólares.

Também, nalguma coisa hão de gastar, os argentários, o produto daquilo que roubaram aos deserdados da fortuna. Mas, conquanto sejam gatunos, tôda a gente lhes chama pessoas muito honradas.

Escumalha, vem a ser, pois, os miseráveis, os que produzem, os que lhes facultaram os meios para êles viverem na opulência e poderem ostentar, para escárneo dos esfomeados, joias ricas, de subido preço.

Como *isto* está torto!...

A caverna... dos vampiros

Diz a *Tribuna de Genebra* que a Sociedade das Nações comprou, por cinco milhões e meio de francos, o Hotel Nacional, sito no molhe do Monte Branco.

Agora já se fica a saber onde é a séde dessa modernissima caverna... de vampiros, vulgarmente conhecida por Sociedade das Nações. E' em Genebra, a linda cidade suiça que vai servir de asilo a todos os bandoleiros que procuram conservar o actual estado de desegualde entre os homens.

Por quanto tempo?

O segrêdo... dos govêrnos!

O govêrno americano, para anunciar, durante a guerra, os diversos emprestimos, chamados, hipócritamente, da *Liberdade*, gastou 23 milhões de dólares.

Veja o povo como os govêrnos estafaram o seu dinheiro para alimentar a horrorosa carnificina europeia, que enlutou milhões e milhões de criaturas, mas que enriqueceu, também, milhões bandoleiros — os donos do mundo!...

A paz capitalista

A' Casa Vachete, de Trois, fez, o govêrno francês, uma importantissima encomenda de granadas. Com que intuito? E' o que não dizem os jornais; mas sabendo-se que a França de Millerand tem tendências imperialistas, é fácil advinhar-se para que hão-de servir as granadas.

Eis o fruto da paz capitalista.

Mosaico...

Não sei se me engano nos meus votos; mas penso que a quimica poderá um dia tirar de todos os corpos um principio nutritivo: então será tam facil ao homem alimentar-se como matar a sêde com a água dum rio. ¿Que será feito, então, dos combates, do orgulho, da ambição, da avareza, de tôdas as cruéis instituições dos grandes impérios? Um alimento fácil, abundantemente, à disposição do homem, será o penhor da sua tranquilidade e da sua virtude. — *Mercier.*

As manobras dos estadistas

Outro dia, uns camaradas russos que se encontravam no campo de concentração da Ilha de Groix, foram avisados de que partiriam imediatamente para o seu país. Iriam por Marselha — disseram-lhe as autoridades encarregadas de os vigiar.

Afinal, em vez de desembarcarem na Rússia, êsses infelizes, em número de 76, adoeceram todos, repentinamente, e acham-se agora no campo dos prisioneiros de guerra, Ser Kidji, em Constantinopla!

De que fôrça são as manobras dos estadistas aliados! Eles, que chamaram *hunos* e bárbaros aos alemães! Decidimente, aproveitaram lhes bem o *hunismo* e o barbarismo, para conseguir os seus malévolos intentos!...

Guilherme Wundt

Com 89 anos de idade faleceu, no dia 1 do corrente, êste filósofo e psicólogo alemão, professor da universidade de Leipzig. Era conhecido em todo o mundo pelos seus estudos, pelos seus trabalhos, e, sôbretudo, por ter fundado, em 1879, o Instituto de Psicologia Experimental, que exerceu grande influência na América do Norte.

FECHO ALEGRE

Um sujeito tinha um irmão padre. Preguntaram-lhe um dia:

— ¿Que faz teu irmão?

— Meu irmão — respondeu êle — é padre.

— ¿Tem algum benficio?

— Não.

— Então, ¿em que se ocupa?

— De manhã diz missa.

— ¿E de tarde?

— De tarde não sabe o que diz. Cheira a vinho...

ALFA & BETA.

A verdadeira ordem

Hoje a sciência astronómica estuda, como as demais sciências, o infinitamente pequeno, essa matéria imperceptivel que enche os espaços, infima, microscópia, tomada separadamente, poderosissima pelo número dos infinitamente pequenos que a compõe, e a êle pede a explicação da origem do sistema cosmico e da harmonia do conjunto.

A ordem no sistema do Universo, a sciência procura explica-la pelos movimentos dos infinitamente pequenos, movimentos inumeros que se juntam: se completam, equilibrando-se uns aos outros.

A conceção do Universo transforma-se: não ha mais um astro central que a princípio se julgava ser a Terra e mais tarde o Sol: não ha mais um centro de fôrça e de atracção. A fôrça e a atracção não são senão produtos dos movimentos solidários dos infinitamente pequenos, dessa materia imperceptivel que só os microscópios nos fazem vêr.

Passando da astronomia para a fisiologia, vemos a explicação das funções vitais pelo mesmo processo: no organismo humano o fisiologo vê células independentes que se associam para lutar contra as condições desfavoraveis a sua existência: o fisiologo vê as células autônomas do sangue, dos tecidos, dos centros nervosos. Vai além, o fisiologo, e em cada célula microscopica êle descobre um mundo de elementos autônomos, vivendo cada um de uma vida própria.

Da harmonia dos movimentos e do bem estar destas células, depende a vida.

A física, abandona as entidades, calor, magnetismo, electricidade, e se esforça por reconhecer num corpo aquecido ou electrizado, e no espaço que o cercou, as vibrações dos átomos infinitamente pequenos que se dirigem em todos os sentidos, vibram, movem-se, vivem, e que pelas suas vibrações, choques e vida, produzem os fenómenos de calor, luz, magnetismo e electricidade,

No dominio da física como no mundo cósmico: na fisilogia na botânica, na quimica, acredita-se hoje que a harmonia dos conjuntos, é produto dos movimentos diversos dos infinitamente pequenos solidários.

Assim como a idea de um astro central foi abandonada, e explica-se os fenomenos do mundo cósmico pelos movimentos dos infinitamente pequenos, o homem abandonou o prejuizo de uma fôrça superior na sociedade — a autoridade.

Se a ordem no mundo cósmico existe independente de um astro central: se a ordem na vida animal existe independente de um orgão central, se enfim, a ordem exisre em tudo como produto da solidariedade de células e átomos, porque na sociedade a ordem não poderá existir sem autoridade?

A ordem no Universo não é produto de uma hierarquia, como cabalmente o demonstra a física, a quimica, a astronomia, a biologia: a ordem é o produto de movimentos solidários.

Ora, nas sociedades a ordem só poderá existir se a solidariedade humana se estabelecer, isto é, quando havendo ampla liberdade e igualdade, ela se produzir pela harmonia dos movimentos solidários dos homens, no interêsse da espécie humana.

Assim como não existe um astro central dirigindo o mundo cósmico, não deve existir uma autoridade dirigindo o mundo social. As hiearquias, no mundo social produzem choques e atritos e êstes produzem fatalmente a perda de fôrças, e conseqüêntemente, a desordem.

Não somos, portanto, nós, que temos uma idea falsa da ordem, mas os que a julgam como o produto de uma hierarquia: os que julgam ser necessária, ao lado da riqueza de uns, a miséria dos outros ao lado da ilustração de uns, a ignorância de grande maioria.

Creio ter demonstrado, com os exemplos que tomei à astronomia, à física e a fisiologia que a ordem, longe de ser produto de uma hierarquia, o é da solidariedade dos movimentos dos infinitamente pequenos: Pois bem! em sociologia nós somos êsses infinitamente pequenos. Da solidariedade dos nossos movimentos, em maior proveito da espécie, é que resultará a ordem social, a ordem pela anarquia, isto é a ordem pela solidariedade das células sociais, que em movimentos diversos, simultâneos, aparentemente desordenados, produzirão a harmonia do conjunto — a verdadeira ordem, a única possível nas sociedades humanas — a ordem pela ausência da autoridade e pela liberdade dos movimentos conscientes de todos, como a ordem cósmica se produz independente de um astro central.

X

PRÓ "A BATALHA"

Continuamos publicando diversas quantias para auxílio do intrépido orgão das classes trabalhadoras, A BATALHA há pouco assaltado por um grupo de sicários.

A contribuição monetária em favor da BATALHA é ainda uma forma de protesto contra o vil atentado, protesto que os trabalhadores devem intensificar cada vez mais.

Transporte . . .	270$05	Transporte . . .	272$55
Quete tirada entre Pintores e Estucadores:		Jerónimo Baptista . .	$30
António Marques . . .	$50	António J. P. Neto . .	$20
Cândido dos Reis . . .	$50	Serafim Coelho	$20
Avelino Marques . . .	$20	Domingos Ferreira . .	$20
Joaquim Ribeiro . . .	$20	Leonardo Ferreira . .	$20
Joaquim d'Oliveira . .	$20	Henrique Alves	$20
Francisco d'Almeida .	$20	Joaquim Moreira . . .	$10
António E. R. Fonteinha	$20	Ezequiel Pinto	$10
José Gonçalves da Rocha	$20	Vitorino d'Oliveira . .	$10
Joaquim Correia . . .	$30	Manuel Fernandes — Braga	1$00
		José P. Coelho Júnior — Pôrto	2$50
Soma . . .	272$55	Soma . . .	277$65

A fôrça dos trabalhadores

O Comité Central provisório dos conselhos de Berlim, dirigiu à imprensa a seguinte circular:

«O Comité Central provisório dos conselhos de exploração, considera como um dever imperioso a interrupção absoluta de todos os transportes de armas munições e tropas da Polónia ou da *Entente*, contra a Rússia dos Sovietes. O Comité já nomeou comissões especiais para fazer cumprir rigorosamente, por tôdas as organizações operárias, esta resolução.»

Após a publicação desta circular, apareceu nos jornais êste significativo telegrama:

Belim, 10 de Setembro — O govêrno do Império (?) mandou fechar o canal de Kiel a todos os transportes de munições de guerra, venham de onde vierem. Em cumprimento desta decisão, o vapor dinamaquês, *Dorrit*, foi obrigado a levantar ferro e a fazer-se ao largo, sem poder descarregar o armamento e as munições que transportava para a Polónia.»

E digam lá que a fôrça dos trabalhadores é nula. Quando êles querem!...

Fome e miséria

Foi preciso fazer-se a Rèpública para que qualquer servisse para autoridade, sem compreensão dos seus seus deveres e sem compaixão por aquêles que lhe caiem sob a sua alçada, muitas vezes vitimas da corrupção desta sociédade que está a desabar para dar lugar a uma sociedade mais perfeita e igualitária.

Nos calabouços do comissariado de polícia de Braga praticam-se actos de verdadeira desumanidade, deixando-se estar os presos dias e dias sem comer e sem uma manta com que se agasalhem, estendendo o corpo mirrado de fome nas tábuas duma tarimba. ¿Muitos dos que all estão quem sabe se tiraram um pão para mitigar a fome e que estão a ocupar o lugar onde deviam estar todos êsses açambarcadores e exploradores os maiores ladrões da Humanidade?

E de maneira que assim se estão matando lentamente êsses miseráveis que atiraram para o fundo duma prisão, sem lhes dar de comer ou dando-lhes uma chicara de caldo, insuficiente para alimentar uma pessoa.

Faz doer o coração a maneira como estão sendo tratados os presos da polícia de Braga, mas mais incomodam os choros e gritos de fome que êles dão.

Isto é desumano! Isto é desolador e causa dó! Mas os senhores da polícia com certeza não sabem o que é ter fome, porque senão não tratariam assim essas criaturas, que tiveram a infelicidade de cair num calabouço infecto duma esquadra policial.

Os gritos e prantos dêsses desgraçados, pedindo que lhes dêem de comer, fazem comover o coração mais empedrenido, mas a polícia não se comove.

E' preciso que se atendam os presos, pois basta a situação dêles quantas vezes inocentes, quanto mais a falta de alimento!

Isto não pode ser, pois é preciso que haja quem dê providências, porque segundo nos consta há verba para sustento dêles, ou de vagas da polícia ou qualquer outra que pode ser aplicada na alimentação dêsses infelizes.

¿Quem sabe se mais tarde êsses senhores terão de ir para lá?

¿E depois gostarão que lhes façam o mesmo?

Esperamos que seja melhorada a situação dessas criaturas, tendo por elas compaixão e acabando com essa desumanidade que revolta quem a presenceia, e incomoda todos aquêles que teem um coração que sente, refractário a êstes actos inquisitoriais.

GREVES

Há já alguns dias que se encontram em greve os trabalhadores marítimos de Lisboa, Porto, Leixões e outras localidades, como protesto contra o decreto n.º 6959, que os colocava numa situação deprimente.

A falta de espaço forçou-nos a deixar para o próximo número um relato mais desenvolvido dêste movimento.

Também à hora do nosso jornal, entrar na maquina tivemos conhecimento de se terem declarado em greve o pessoal ferroviário das linhas do Estado e pessoal de limpeza da Câmara Municipal, esperando-se que durante a corrente semana outras greves se declarem.

P'ra quem está cara a vida!...

Só a título de informação:

«Leon Blum, um dos chefes do partido socialista francês, é milionário.

«Paulo Bancour, sub-chefe, possui uns dez milhões de francos.

Macel Semblat, é milionário.

Bonisson, idem.

Pedro Renaudel, idem.

Alberto Tomás, director do Bureau Internacional do Trabalho, tem, de ordenado, desta instituição, a bagatela de 20 mil doláres anuais, fora outras alcavalas, provenientes de outros empregos.

Fernando de los Rios, deputado socialista espanhol, recebe êstes *salários* anuais: pela cátedra dum instituto provincial, 15 mil pesetas; como agregado à junta de ampliação de estudos, 12.500; como vogal do Instituto de Reformas Sociais, 12.500; e como deputado, 6 mil. Total, 46 mil pesetas!

Julião Besteiro, também deputado socialista espanhol, recebe 18 mil pesetas como lente catedrático duma faculdade onde quase nunca aperece; 6 mil como deputado; e 3 mil da Casa do Povo. Total, 27 mil pesetas anuais.

E fiquêmo-nos por aqui. E' que êstes *desgraçados*, com seus recursos assim, hão-de sentir bastante a carestia da vida!

Agencia Lux

Rio de Janeiro — Brasil

Desta data em diante A COMUNA será vendida na Séde desta Agencia, Avenida do Rio Branco, 173-2.º (entrada pela rua do Chile, 14).

A mesma Agencia encarrega-se da publicação e venda de obras scientificas literárias e sociais, bem como de jornais, revistas e quaisquer outras publicações, tendo ja, como em circular nos comunica, editado valiosos trabalhos dos melhores escritores e scientistas.